

Reportagem 1:

O que há de mudanças climáticas na onda de frio na Europa?

por Deutsche Welle — publicado 04/03/2018 00h07, última modificação 02/03/2018 11h16

Enquanto o ar gelado varre o continente europeu, o Ártico vê uma onda de calor sem precedentes. Como isso se relaciona com o aquecimento global?

[...] A onda de frio chamada de "besta do leste" levou temperaturas árticas a várias partes da Europa e gerou raras nevascas em regiões não tão acostumadas a paisagens brancas, como Roma, Côte d'Azur e o sul da Espanha.

Já na região polar, onde realmente deveria estar frio, a situação é outra: a parte mais ao norte da Groenlândia registrou 6 graus no último domingo. E esteve sempre acima de zero ao longo da última quinzena. O gelo marinho do Ártico também recuou a taxas recordes.

"É realmente marcante para fevereiro, quando está escuro permanentemente", diz Ruth Mottram, cientista climática do Instituto Meteorológico Dinamarquês, que vem registrando as temperaturas médias no extremo norte do Ártico.

"Nunca foi tão alta nesta época do ano. Nunca foi tão quente. É realmente sem precedentes."

Sobrevoando a região polar, nota-se que um terço do gelo que cobre o Mar de Bering ao oeste do Alasca também desapareceu. Mas esse não foi um processo gradual: o gelo recuou durante impressionantes oito dias em meados de fevereiro, de acordo com uma reportagem do site de notícias sobre o clima InsideClimate News. [...]

Reportagem 2:

Antártida já foi coberta por florestas há 250 milhões de anos

por Redação Galileu — publicado 16/11/2017 15h11

Pesquisadores encontram registros de árvores com idade superior a 250 milhões de anos localizadas no continente de gelo

Quem disse que o continente da Antártida sempre foi coberto por gelo? Pesquisadores da universidade norte-americana de Wisconsin-Milwaukee localizaram na região fósseis de árvores com cerca de 260 milhões de anos. De acordo com cientistas, durante milhões de anos a Antártida era uma região coberta de florestas, com um clima mais úmido e quente.

[...] Os fósseis cobriram a Antártida durante o período geológico conhecido como Permiano: durante essa época, a Terra presenciou uma das maiores extinções em massa de sua história. Cerca de 95% da vida foi varrida do planeta, por conta de causas que ainda são investigadas.

Os cientistas consideram que houve uma brusca mudança climática no período, causada a partir de uma erupção vulcânica de grandes proporções.

Reportagem 3:

Aquecimento global já atinge até as regiões mais frias do planeta

por Redação Galileu — publicado 23/08/2018 13h08

Derretimento de algumas das geleiras mais fortes e estáveis do Oceano Ártico são prenúncio de uma "catástrofe prática para a humanidade", alerta pesquisador

O mar da costa norte da Groenlândia já foi chamado de "a última área de gelo". Por lá, o gelo é tão grosso e estável, com poucas mudanças mesmo durante o verão, que muitos acreditavam que seria o último lugar a derreter. Picos de temperatura anormais em fevereiro e no início deste mês mudaram essa história. Deixou a camada de gelo vulnerável aos ventos e se rompeu pela primeira vez que se tem registro.

No extremo norte da Noruega, na região de Svalbard, a cobertura de gelo do Ártico está 40% abaixo da média para esta época do ano desde 1981. Embora situações menos dramáticas em outras partes do Ártico indiquem que provavelmente este não será o pior ano para o gelo no polo norte, mas vão de encontro às previsões de que entre 2020 e 2050, talvez até antes, o Oceano Ártico pode descongelar completamente durante verão. As consequências são catastróficas.

Apenas algumas décadas atrás, mais de três metros de gelo de espessura cobria o Pólo Norte, com cumes de gelo abaixo da superfície em algumas partes do Ártico se estendendo até 45 metros. Agora, esse gelo já não existe há muito tempo, enquanto o volume total do gelo marinho do Ártico no final do verão declinou, de acordo com duas estimativas, em 75% em meio século.

Com o constante desaparecimento da cobertura de gelo polar, estamos perdendo um vasto sistema de ar condicionado que ajudou a regular e estabilizar o sistema climático da Terra por milhares de anos. Essa "espiral da morte" do gelo marinho do Ártico representa mais do que apenas uma grande reviravolta ecológica no extremo norte do mundo.

O declínio do gelo marinho do Ártico também tem profundos efeitos climáticos globais, que já estão intensificando o aquecimento global e têm o potencial de desestabilizar o sistema climático.